

FALAS DO CÉU...

Depois de ouvir, escutar e ver *Soundwalks* de Raquel Castro

Em tempos antigos, mesmo muito antigos, o céu falava **verticalmente** com os vivos (humanos, vegetação, pedras e que mais). Eram os deuses conversando com os seres menores cá de baixo em termos de escala frequentemente sem avesso.

Talvez também ainda antigamente, a terra falava uma com outra, ainda que estivessem as duas dentro da mesma.

Hoje a **horizontalidade** do som e do ruído (desorganização do som) vigora na terra. Do céu, não sabemos. Poucos têm tempo e espaço que dê para ele ser olhado e/ou reflectido. Foi-se a verticalidade e reina por isso um vigor horizontal, para não dizer uma “pressa”, pressão acelerada. Trânsito corre e abafa antigos desabafos dos deuses. Os acidentes causados aos humanos e à vegetação em seu redor advêm da culpa de “terceiros” (na linguagem de grandes seguradoras) e esquecem-se com facilidade os segundos: eles, os deuses?

Sim, restam edifícios altos, é verdade. Chamavam-se, há uns anos, arranha-CÉUS. Agora nem isso. Chamam-se torres e como se tapam umas às outras, vigora a preocupação de ter lugar, em pé, na terra. Poucos têm a ideia de chegar lá acima e de, em vez de se debruçar na varanda, virar a cabeça para o ar na direcção do firmamento e, oscilando o pescoço em sentido inverso do habitual (aquele em que caminhamos nas ruas das cidades ou vilas com receio de pisarmos a caca de cão na calçada),
... o-b-s-e-r-v-a-r o céu... ..

Assim mesmo. Com todo o tempo do mundo. Viajando, aí sim, em sentidos originais para percursos exóticos.

A solidão do alto andar em que vivo ou o isolamento do ser num lugar deserto permite escutar voos das alturas (e, ao mesmo tempo, escutar e contar passos no chão).

De facto, engano-me nestas opiniões sobre as formas como nos falam céu e terra. Desde sempre há, afinal, dias ou noites, horas ou segundos, em que somos captados por súbitos sinais e vozes lá de cima deste ou de outro céu, bradando sobre nós impondo respeito e temor. Trovões, relâmpagos de trovoadas acordam o humano e os bichos em seu redor (ou o humano à roda dos animais?) e fazem-no sentir a verticalidade perdida.

Até na vida. Quando se verga e não fala como se deveria falar: como fala a terra, a água e o céu. É por este último que cá estamos.

25 Maio 2009

Ana Paula Guimarães IELT – Instituto de Estudos de Literatura
Tradicional/FCSH/UNL

www.ielt.org

www.memoriamedia.net

www.grandepequeno.com